

# classe média e desenvolvimento

O caráter negativo que o desenvolvimento econômico assume aos olhos de largas camadas das classes médias decorre, fundamentalmente, do modo de organização capitalista que ele reveste. Esse modo consiste em transferir (notadamente por intermédio da inflação) para a economia em seu conjunto, o custo que implica a industrialização, o que coloca as classes médias em posição assaz desvantajosa, quaisquer que sejam as atividades a que se dedicam.

Assim, no que se refere aos setores assalariados, sofrem os efeitos da inflação da mesma maneira que o restante da massa assalariada — operariado, inclusive, — isto é, por intermédio da compressão de seu consumo, que resulta da incapacidade relativa dos salários para enfrentar a alta dos preços. Isso tenderia, porém, a compensar não só pelo fato de que o desenvolvimento acurreta, a longo prazo, uma elevação real do padrão de vida, mas sobretudo pelas oportunidades de emprego que engendra, e que se relacionam com as necessidades de novos quadros políticos, técnicos e administrativos.

Insistindo, contudo, somente nesse aspecto do desenvolvimento, os teóricos nacionalistas fazem o jogo da classe dominante, de vez que escamoteiam um elemento essencial para a compreensão do problema: a contradição existente entre o desenvolvimento e a política de clientela (forma assumida, entre nós, pela colaboração entre a classe dominante e as classes médias).

De fato, o crescimento numérico do operariado, muito mais rápido do que o das classes médias em fase de industrialização, constitui por si só, fator contrário à política de clientela, na medida em que rouba às classes médias aquilo em que se apóia o seu poder de barganha — a força eleitoral. A homogeneidade da classe operária, sua tendência à organização e a maior consciência política que daí resulta, contribuem para intensificar esse processo, e relegam as classes médias à uma posição secundária no esquema político do país. Isso, aparece claramente no fato de ser ali onde o seu prestígio político não se encontra ameaçado, isto é, não depende de sua força eleitoral, que os setores assalariados das classes médias se revelam mais progressistas (intelectuais, exército, estudantes).

O que se passa, entretanto, com os setores não assalariados (pequenos produtores da indústria e da agricultura, pequenos comerciantes, etc.)? A essa pergunta nossos teóricos respondem com o mais completo silêncio, ou se limitam às generalidades sobre o

## rui mauro marini

clima propício que o desenvolvimento cria para os negócios, sem indicar se, concretamente, esse clima aproveita às classes médias. Fozem assim, à constatação de que, malgrado a expansão econômica a que assistimos, a situação destas se torna cada vez mais precária.

Um exemplo tirado do domínio da agricultura facilitará a compreensão do problema. Como explicar, com efeito, a existência de intermediários, que, acambarcando a distribuição dos produtos agrícolas no mercado, constituem o ponto crucial da questão agrária entre nós?

O sistema de intermediários é fenômeno típico da expropriação de que são vítimas os pequenos produtores: encontrando fechadas as portas do mercado (monopolizado pelos intermediários), são obrigados a vender sua produção em troca de pagamento irrisório. O preço apurado na venda de seus produtos os despoja de toda ou parte da mais — valia que obtiveram, exercendo portanto função de salário.

As medidas de que se servem os expropriadores para forçá-los a aceitar essa alteração (bloqueio de créditos; encarcamento de sementes, adubos, equipamento; especulação sobre os preços, mediante manipulação de estoques), visam a mantê-los em situação de penúria e impedir que, pela constituição de capital próprio, possam prover sua subsistência, enquanto aguardam a realização de seus produtos no mercado. A situação intolerável que daí resulta, provoca a migração do homem do campo para a cidade, onde vai engrossar o proletariado, e aumentar a tensão existente entre este e as classes médias urbanas.

Por outro lado, o aparecimento de uma burguesia agrária, tipicamente capitalista, agrava a espoliação de que são vítimas os camponeses, e dá margem a conflitos entre essa burguesia e a antiga classe dos grandes proprietários de terras. Trata-se aí de processo puramente competitivo, que se apóia na melhoria da produtividade, na especialização crescente da produção e na utilização de capitais sempre mais volúmosos, engendrando uma redistribuição de terras entre os antagonistas em presença, e agravando o êxodo rural — na medida em que os elementos vencidos ou descem para as categorias mais baixas (porta aberta, como vimos, para a proletarianização), ou fogem para a cidade, onde vão aumentar os setores assalariados das classes médias e intensifi-

car, portanto, a pressão pela obtenção de empregos).

Se considerássemos o campo industrial, encontraríamos caso semelhante. Muito se tem falado, com efeito, ultimamente, nos problemas em que se debatem as pequenas e médias empresas, resultantes da política agressiva posta em prática pela classe dominante. Dessa maneira, é exacerbado o descontentamento das classes médias, em todos os seus setores, levando-as a assumir posição marcadamente reacionária em relação ao desenvolvimento.

Isso transparece na maioria das suas reivindicações. O moralismo administrativo, por exemplo, em seu aspecto mais específico, implica a salvação do sistema do mérito — o que, sendo a instrução domínio fechado à massa da população, asseguraria à classe média monopólio tranquilo dos cargos públicos, e impediria, assim, a manobra das classes dominantes que buscam estender à massa a política de clientela, a fim de fortalecer o apoio que esta lhes presta.

A reforma agrária, igualmente, na forma em que está colocada, interessa a essas forças enquanto medida capaz de fixar o homem do campo e obstar o crescimento vertiginoso do operariado; interessa, também, à burguesia, mas por razões opostas, visto que, atacando os privilégios dos latifundiários, garante a plena expansão do capitalismo no campo.

Resta saber, em que a atitude das classes médias aproveita àquelas que, conscientemente, se opõem a emancipação do país. Seria tolice, por certo, acreditar que os membros das classes médias não sejam patriotas, ou que estejam todos vendidos ao capital estrangeiro. O entreguismo venal não constitui, em si mesmo, fenômeno de ordem sociológica, mas sim de ordem moral, e aqueles que o praticam são recrutados indiferentemente em todas as camadas da população. Ao divergirem, todavia, da forma proposta pela classe dominante para levar a termo o desenvolvimento, sem apresentarem solução própria, as classes médias recusam o próprio desenvolvimento, e se convertem automaticamente no suporte mais seguro do entreguismo.

Vemos assim, que a situação dessas classes, por sua ambigüidade, lhes retira toda força reivindicativa, coloca-as a reboque de interesses que não são os seus, impede que se componham em formação política realmente positiva. É esse um dos problemas mais graves que temos, de imediato, a encampar de esclarecimento por parte frentar, e que está a exigir uma ampla dos setores vanguardistas da opinião.